

PUCviva

N.º 564 - 6/3/2006

Jornal semanal da APROPUC e da AFAPUC

**LEIA AINDA
NESTA EDIÇÃO**

**Novas moções de
apoio à comunidade
puquiana**

Professores novos
podem ter salários
mais baixos**

Esta vai ser uma semana decisiva na luta da comunidade puquiana contra as demissões impostas pela Fundação São Paulo. Na segunda-feira, 6/3, os docentes encontram-se na sala 333, às 18h, numa assembléa que tem por pauta a discussão da crise da universidade e um indicativo de greve. Já os funcionários administrativos têm encontro na quarta-feira, 8/3, às 14h, no Tucarena. Os estudantes, por sua vez, reúnem-se na mesma data, em dois horários, 9 e 19h, no Tucarena.

As três reuniões devem retirar propostas que serão discutidas na assembléa geral universitária da quinta-feira, 9/3, às 9 e 19h.

Além das demissões de professores e funcionários, da terceirização de vários setores da universidade e do atraso de salários, os estudantes vêm manifestando a sua pre-

ocupação com uma possível redução no número de novas bolsas a ser oferecido pela universidade.

Conselhos superiores

O Conselho Universitário de 22/2 decidiu pela revogação de todas as demissões que aconteceram por decisão exclusiva da Fundação São Paulo. Porém, dois dias depois, uma atitude inédita do suplente Renato Ruas de Almeida colocou em suspenso a decisão do conselho: alegava o docente que a forma com que a decisão foi tomada era irregular, e que, pelos estatutos da universidade e da Fundação São Paulo, a posição do conselho seria ilegal.

O professor Dirceu de Mello, proponente da revogação das demissões, pediu vistas do processo, e com isto a decisão final só deverá

acontecer num Consun extraordinário a ser realizado nesta semana. O Conselho de Ensino e Pesquisa também aguarda a decisão do Consun para se posicionar quanto à contratação de novos professores.

Auxílio federal

Na sexta-feira, 3/3, o jornal *Folha de S. Paulo* noticiou que o cardeal Dom Cláudio Hummes estaria negociando uma ajuda do governo federal, via BNDES, para a PUC-SP. O ministro interino da Educação, Jairo Jorge, afirmou que o apelo do Cardeal era "sensível e correto", mas descartou a hipótese de federalização da instituição. Não se admite tornar a PUC uma universidade pública, mas sim subsidiar a crise financeira, depois das demissões em massa.



CONTRA DEMISSÕES E INTERVENÇÃO

**Professores, estudantes e funcionários
reúnem-se em assembléa**

Eleições Gerais Já

A PUC-SP viverá mais uma semana de muita agitação com as assembleias de estudantes, de funcionários e de professores. Os três segmentos, separados e juntos, tentam se mobilizar e reagir ao longo e desgastante processo de demissões ocorrido na Universidade. Dificilmente esse movimento, justo e democrático, conseguirá aglutinar forças suficientes para reverter o conjunto das medidas já tomadas, principalmente porque a situação financeira – déficit mensal, empréstimos bancários, pagamentos de salários etc – colocou em xeque a viabilidade da instituição.

É claro que as demissões realizadas de cima para baixo, pela Reitoria, com o aval da Fundação São Paulo, representaram uma violência institucional na medida em que romperam com a autonomia dos departamentos, dos conselhos departamentais e das demais instâncias da Universidade. Não apenas a Fundação São Paulo violou a autonomia da Universidade ao exigir cortes para atender a pressão dos bancos; a Reitoria aceitou a intervenção sem resistência, compactuou com a quebra da autonomia e colaborou na elaboração das listas de demissões.

A Reitoria não se contentou com a maximização da Deliberação 65/78, devidamente aprovada pelo Consun como medida emergencial para o ano de 2006; mais do que isso, baixou normas de composição contratual que arrebentam de vez com os limites das faixas salariais da 65/78 e ainda tenta aprovar uma tabela de salários reduzidos para as novas contratações. Essas iniciativas revelam que a questão central não é o ajuste financeiro, mas alterar estruturalmente o modelo de Universidade construído pela PUC-SP nos seus 60 anos de existência.

Ao caminhar nessa direção, a Reitoria decidiu mesmo quebrar um dos pilares de sustentação do modelo puquiano, baseado no contrato de trabalho por tempo, e que tem sido o garantidor de melhor qualidade no ensino, na medida em que o professor da PUC-SP tem sido remunerado para preparar a sua aula e para fazer o atendimento dos alunos, diferentemente da norma geral das universidades privadas, que pagam apenas – e muito mal – as horas de aulas. Ou seja, se esse processo não for barrado, o estrago será muito maior do que as centenas de demissões, pois colocará a PUC-SP no mesmo modelo das unipes e unibans da vida.

Por isso mesmo, o movimento de professores, funcionários e estudantes precisa ter muito claro o que realmente está em jogo no atual processo vivido pela Universidade, o que corre risco, o que precisa ser defendido, o que merece ser preservado e quais são as formas de luta possíveis e viáveis na atual conjuntura, de forma a ampliar a unidade dos três segmentos e fortalecer as virtudes da vida universitária na PUC-SP.

A luta pela autonomia e contra a intervenção só faz sentido se

a autonomia for entendida como norma geral para todas as instâncias da Universidade; da mesma forma, a intervenção não é só da mantenedora para a mantida, mas no interior da mantida; a defesa de tais valores pressupõe o reconhecimento das várias instâncias da instituição, as quais foram terrivelmente abaladas pela violência das listas de demissões emanadas da Reitoria.

A bandeira da greve, neste momento de reinício do ano letivo, pode ser altamente desmobilizadora e enfrentará muitas resistências nos três segmentos, seja por posição consciente contra essa forma de luta agora, seja por decisão de apoio político às medidas adotadas na Universidade e seja pela visão conservadora predominante dentro da PUC-SP.

Igualmente, a bandeira da estatização (estadualização ou federalização), levantada por correntes estudantis, não leva em consideração as condições gerais da luta política no País, com um tremendo refluxo dos movimentos sociais dos trabalhadores, com avanço contínuo do setor privado (inclusive na educação de nível superior) e com governos estadual e federal totalmente entregues às políticas neoliberais. Quem se atreveria a estatizar um patrimônio da Igreja Católica no momento em que o capital financeiro força novas privatizações na saúde, na educação e nos serviços em geral?

Considerando os traumas provocados no processo das demissões, a adoção de medidas que confrontam o modelo pedagógico, a quebra da institucionalidade e a instabilidade gerada sobre os destinos da Universidade, a única forma de mobilizar a comunidade, debater as questões essenciais e fortalecer o projeto histórico da PUC-SP é através da realização de eleições gerais para todos os cargos eletivos, desde as chefias dos departamentos, as coordenações dos cursos, as direções das faculdades, todos os órgãos colegiados, até a Reitoria. Não se trata, portanto, de pedir a renúncia de ninguém, mas de criar as condições legais e legítimas para permitir que toda a comunidade – estudantes, funcionários e professores – possa debater qual o projeto que se quer para a PUC-SP e quais os compromissos de todos os candidatos.

A realização de Eleições Gerais Já – livres, soberanas, sem a interferência da mantenedora – pode ser o único caminho para restabelecer a legitimidade de todos os cargos e a credibilidade da comunidade na instituição. Além disso, será um grande exemplo para reafirmar a diferenciação da PUC-SP como referência de Universidade para todo o Brasil.

Eleições Gerais Já!

*Hamilton Octavio de Souza,
Diretor da Apropuc.*

Associações e CAs distribuem caderno sobre a crise

Muita coisa se passou na universidade durante as férias – um tanto longas, por sinal, ao menos para quem estuda no câmpus Monte Alegre. Os traços absurdos que a crise da PUC-SP vem assumindo desde o fim de 2005 acabaram tomando amplo espaço nos principais jornais da cidade, e também na televisão. E foi por meio da mídia que muitos membros da comunidade acompanham os últimos desdobramentos da crise.

Na retomada das atividades normais da universidade, APRO-PUC, AFAPUC e centros acadêmicos propõem que o ano letivo seja iniciado com uma postura ativa frente à situação atual. E foi para garantir esse bom começo que as entidades elaboraram um caderno especial de análise da crise, voltado particularmente aos calouros. Com dez páginas, o material começa a ser distribuído nesta segunda-feira, 6/3.

Os artigos do caderno são assinados pelos representantes de professores, funcionários e estudantes, e avaliam não apenas a situação específica da PUC-SP, mas o quadro geral do ensino superior no Brasil. Também é lembrada a trajetória de nossa

universidade, reconhecendo-se seus feitos pioneiros e históricos, mas apontando fatores internos e externos que contribuíram para a construção do triste momento que vive a instituição.

Por fim, os textos defendem a busca do ensino público e gratuito como saída para a deterioração da universidade brasileira – especialmente a PUC-SP, sob o risco de seu diferencial desaparecer sob a via do ensino voltado ao lucro.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP. **Coordenação:** Valdir Mengardo. **Sub-editor:** Leandro Divera. **Reportagem:** Jaqueline Nikiforos. **Edição de arte, projeto gráfico e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Marta Bispo da Cruz, Priscilla Cornalbas, Erson Martins de Oliveira, Hamilton Octavio de Souza, Anselmo Antonio da Silva, Maria Helena G. S. Borges. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **Correio Eletrônico:** apropuc@uol.com.br. **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCViva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala CA 02 - Corredor da Cardoso - São Paulo - SP. **Fone:** 3670-8004. **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br.

A solução da PUC deve mesmo vir de fora da comunidade?

Eric Calderoni

Temos acompanhado recentemente a polarização entre aqueles que se opõem à intervenção da Fundação São Paulo e sua política de demissões e aqueles que abertamente defendem tanto a intervenção como seus atos.

Essas concepções, que à primeira vista parecem diametralmente opostas, no entanto compartilham uma crença mais geral em comum: a comunidade é incapaz de exercer sua autonomia administrativo-financeira com responsabilidade fiscal.

Dentre aqueles que se opõem às medidas tomadas pelos interventores, às vezes não aparece qualquer proposta alternativa. Quando surge uma proposição, a bandeira frequentemente levantada é a estatização da PUC e não raro aparecem também chamadas para que ex-alunos que sejam hoje milionários façam doações à Instituição, a exemplo do que acontece nos EUA. Parece haver um entendimento de que a Universidade de qualidade é necessariamente deficitária, de tal forma que jamais poderia equilibrar-se por si só. Os professores da Casa são vistos como bons, o mercado e a sociedade em geral como maus. A única solução viável viria portanto de uma revolução que transformasse a sociedade ou que pelo menos uma força externa aliada pudesse proteger a comunidade em sua fortaleza, em sua resistência a esse mundo cruel. A revolução socialista é o modelo de luta.

Dentre os que velada ou abertamente apóiam a Intervenção, a crença mais fundamental é na incapacidade da maioria dos professores da Casa. Na visão desse grupo, a maioria dos professores seria incompetente do ponto-de-vista da produtividade acadêmica, teriam parado no tempo em que não havia competição no mercado acadêmico, e tampouco seriam dotados de competência administrativa, de tal sorte que os representantes desses professores não poderiam possuir tal competência, ou pelo menos não a poderiam exercer, sob pena de jamais serem reeleitos. A comunidade em geral é vista como má e as forças do mercado como boas. A única solução para a PUC deveria vir portanto de um poder mais forte do que a comunidade, um poder autoritário que não faça concessões à "aristocracia" puquiã, um poder que mude o perfil da comunidade eliminando os menos adaptados às novas exigências do mercado. O modelo é a revolução burguesa.

Ambos os grupos têm o mérito de pelo menos se preocuparem com a PUC, o que já é avanço em relação à grande massa individualista que pouco se importa com esse tipo de política, para quem a única coisa que importa é que o demitido foi o vizinho e não ele ou ela, portanto tudo está normal. Esse terceiro grupo, os apáticos, parece ter um sentimento de baixa eficácia política: "de que importa minha opinião" e assim também contribui para o enfraquecimento da comunidade.

Contudo, é necessário que sepultemos a visão paternalista e acomodada dos três grupos. A solução precisa e pode vir de nós mesmos. Precisamos valorizar as diversas sugestões que têm surgido de dentro da comunidade para enfrentar o desequilíbrio contábil estrutural. Precisamos resgatar a memória de nosso passado recente e assumir a responsabilidade por nossos próprios atos.

Não se pode negar que a comunidade, através de decisões de representantes eleitos, foi capaz de eliminar três quartos do déficit em dois meses (principalmente através da "maximização" da 65/78). Além disso, a comunidade foi capaz de entrar em acordo que levaria à geração de superávit através de arrocho salarial, isso só não foi implementado devido ao veto do Sindicato dos Professores. Tramitavam, na véspera da intervenção, diversas medidas de cortes de gastos e aumento de receitas no Cepe e Consun, e aguardávamos a divulgação de um pacote de medidas por parte da Reitoria, que a Intervenção abortou. As reformas administrativas de 2005 são a prova de que a Comunidade é responsável e que é possível uma

auto-gestão financeiramente independente que preserve os elementos essenciais da qualidade acadêmica.

Existe um quarto grupo que ainda insiste em propor medidas para o enfrentamento da crise. Levantam-se diferentes propostas: criar fundos provisórios com contribuição voluntária de alunos, funcionários e professores; expandir a graduação e educação continuada; implementar mensalidades diferenciadas; cortar verbas de representação; diminuir adicionais por tempo de serviço; criar novas modalidades de contrato de trabalho (de maneira diferente do absurdo da contratação de "bagrinhos" pela FSP); re-discutir um projeto de aposentadoria semi-compulsória; desenvolver uma política de cobrança mais flexível que permita que quem quer pagar suas dívidas com a PUC consiga; cortar verbas de capacitação duplicadas; criar setores semi-autônomos para captação de projetos e venda de serviços; muitas outras; e se após o debate todas se mostrarem insuficientes e/ou inoportunas, a realização de demissões, mas sob critérios transparentes, democraticamente discutidos.

Saídas democráticas existem, mas para que possam ser alcançadas é necessário que se abandone tanto a política do ressentimento à espera do salvador da pátria, como o pensamento individualista de que "não tendo sido eu o demitido, é sinal de que tudo vai bem".

Eric Calderoni é doutorando em Psicologia Social, vice-presidente da APGPUC-SP e membro do Consun

Esclarecimento sobre a edição n.º 563

Nota do último *PUCviva* (n.º 563, de 2/2/2006), intitulada "Polêmica", não expôs adequadamente minha posição sobre um problema importante. Para começar, ignoro ter recebido a pecha de vanguardista. Tentando escapar de clichês que produzem uma ilusão de simplicidade, afirmei que um dos grandes problemas da PUC-SP tinha sido o vanguardismo institucional, que levou a Reitoria e outras instâncias eleitas a adotarem, em conjunturas precisas, citadas por mim, medidas ao arrepio dos compromissos assumidos com seus representados. Daí minha insistência na revitalização da institucionalidade da PUC-SP, de modo a avançar (e não retroagir) nas conquistas democráticas nesta universidade. Isto, em princípio,

nada tem a ver com a defesa desta ou daquela forma de luta (a greve, por exemplo) em determinado momento da atual crise desta universidade. Resumindo: um aspecto fundamental de nossa luta democrática consiste em participar ativamente das decisões e acompanhar ativamente — quando for o caso, cobrando — o que os representantes fazem ou deixam de fazer. Como valorizo e pratico isso, o que me toma um tempo danado, solicito publicação na íntegra.

Solidário abraço.

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, professor do Departamento de Política da PUC-SP

Manifesto dos professores da Faculdade de Educação

Os professores da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, reunidos em 21 de fevereiro de 2006, debateram a crise da Universidade e suas decorrências e vêm, por meio deste manifesto, expressar sua indignação frente aos procedimentos adotados para o enfrentamento da situação vigente.

Tal indignação decorre, essencialmente, do desrespeito ao modelo de Universidade democrática e autônoma construído pelo coletivo dos trabalhadores desta instituição e reafirmado pelas diretrizes propostas no Programa de Gestão da atual Reitoria, a qual se comprometeu com uma concepção de universidade entendida como: "o local por excelência da produção do conhecimento guiado por sua própria lógica, conhecimento autônomo e desatrelado de qualquer ingerência externa. Deve ser o espaço de reflexão, de criação, de formação crítica e democratização do saber, deve ser autônoma para se estruturar e estabelecer seus próprios valores, regras e normas, de maneira a possibilitar cumprir melhor sua função pública e social" (Diretrizes para um Programa de Gestão da PUC-SP 2004-2008).

Contrariamente a essas intenções, as medidas que vêm sendo tomadas, no que se refere às alterações contratuais, realizadas por diferentes planos de demissão de docentes e funcionários, têm comprometido, de maneira agressiva e desrespeitosa, os princípios norteadores desse modelo de "Universidade que queremos", a qual, pelo seu caráter público, vinha, historicamente, reafirmando seu projeto de construção de uma sociedade justa e solidária.

Constatamos que a luta histórica pela garantia de direitos e dignidade humana, através de um ensino e pesquisa de excelência acadêmica, associados ao exercício de uma extensão universitária, voltada às demandas sociais que referendam o reconhecimento internacional da PUC-SP, encontra-se, neste momento, ameaçada e desconfigurada pelo processo de reforma, ora instalado, pautado na supremacia do critério técnico-econômico-financeiro em detrimento do exercício qualificado e articulado dessas funções, do qual decorre a quebra da autonomia universitária, provocando a ruptura entre o administrativo e o acadêmico, a degradação de nossas condições de trabalho e enfraquecimento dos canais institucionais, legitimamente constituídos.

Consideramos que o processo de intervenção aprofundou a crise em todas as suas formas de manifestação, instalando, em toda a universidade, um clima de desconfiança e desesperança que vem descaracterizando e aniquilando nosso projeto histórico de formação de profissionais, pautada nos princípios do humanismo e da responsabilidade político-social.

Conclamamos a Reitoria, instância máxima de legítima representação de todas as categorias de trabalhadores da PUC-SP, que reveja e redefina, com participação dos colegiados instituídos, em caráter de urgência, seu plano de enfrentamento da atual crise, priorizando seu reposicionamento em relação às demissões daqueles que conosco construíram este projeto educacional pioneiro.

O repúdio dos professores de Londrina

Em face das medidas adotadas pela Reitoria da PUC-SP e pela Cúria de São Paulo, a Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Londrina – ADUEL vem a público manifestar seu repúdio à demissão de centenas de docentes e funcionários dessa instituição.

Não podemos tolerar em silêncio a destruição dos empregos desses trabalhadores em nome da racionalidade administrativa e do lucro.

Este ataque desmascara definitivamente a ficção sustentada pelos setores privatistas, principalmente pelo clero, de que as universidades católicas não seriam instituições privadas.

Os docentes organizados na ADUEL, que lutam pela Universidade Pública e Gratuita, se solidarizam com os trabalhadores demitidos e defendem como único caminho para manutenção dos empregos e solução da crise, a imediata estatização da PUC-SP.

Londrina 27 de fevereiro de 2006

Luiz Carlos Jabur Gaziri e

Evaristo Emigdio Colmán Duarte

Diretores da Associação dos Docentes da UEL

Vereador também envia carta de apoio

A assessoria de imprensa do vereador Carlos Giannazi enviou nota à APROPUC na semana passada manifestando "seu apoio total e irrestrito ao movimento em defesa da PUC-SP e aos professores demitidos. Como membro da Comissão de Educação da Câmara Municipal de São Paulo, o professor Giannazi deseja trazer para esta casa o debate sobre os recentes fatos acontecidos na PUC, que é uma das universidades mais importantes do país. Estamos cientes do papel histórico da PUC na resistência à ditadura militar, no processo de redemocratização do país e na formação de importantes quadros intelectuais brasileiros ao longo da existência da instituição. Nós, do mandato do professor Giannazi, desejamos colocar o gabinete e nossos recursos à disposição do movimento".

Assessoria de imprensa do
vereador *Carlos Giannazi* (PSOL)

ASSEMBLÉIAS

6/3
segunda

PROFESSORES

Sala 333

18h

8/3
quarta

FUNCIONÁRIOS

Tucarena

14h

8/3
quarta

ESTUDANTES

Tucarena

9h e 19h

9/3
quinta

ASSEMBLÉIA GERAL
UNIVERSITÁRIA

9h e 19h

Rola na rampa

Professores e funcionários entram na Justiça contra demissões

O Sindicato dos Professores de São Paulo (Sinpro-SP) e o Saaesp entraram com dois recursos na Justiça contra as demissões da Fundação São Paulo. O primeiro é um dissídio coletivo de natureza jurídica, a ser impetrado junto ao Tribunal Regional do Trabalho, pedindo reintegração dos demitidos. O segundo recurso é um mandado de segurança coletivo, que tramitará na Justiça Federal. Os recursos abarcam todos os demitidos pela Fundação São Paulo. A APROPUC vem realizando reuniões com os docentes demitidos, nas quais tem discutido os encaminhamentos legais a serem adotados pelos professores.

Comfil expõe trabalhos de estudantes

Entre os dias 7 e 9 deste mês a Rede PUC realiza a 1.ª Mostra de Trabalhos de conclusão de curso dos estudantes de Comunicação. Das 10 às 22h, serão expostos no laboratório de vídeo da Comfil diversos trabalhos realizados por estudantes dos cursos de Jornalismo, Múltiplos e Publicidade, nos formatos rádio, vídeo e impresso. Os destaques vão para Sobre Amigos e Canções – Clube da Esquina, contando a trajetória de Milton Nascimento e os mi-

neiros do Clube da Esquina; Entre dois corpos – Yo Sobreviveré, no qual homens que dizem terem nascido no corpo errado lutam agora pela opção que fizeram, a de serem mulheres; e Retratos de Chico por suas Meninas, que narra a vida e a carreira de Chico Buarque a partir de depoimentos do próprio compositor e de seus parceiros. Outras informações sobre os mais de 30 trabalhos podem ser encontradas no site da PUC: www.pucsp.br.

Discussão da crise marca pré-recepção

Durante os dois primeiros dias de aula da semana passada, diversos cursos receberam os recém-ingressos com muita politização, o que não evitou a realização das diversas formas de trotes humilhantes e irresponsáveis que sempre deixam rastro na semana da calourada. Diversos cursos organizaram debates sobre a situação pela qual passa a universidade. Essa foi a linha dos cursos de Serviço Social, Psicologia e Jornalismo. Outros optaram por manter um formato de boas vindas bem conhecido pela universidade. Como

de praxe, alguns trotes violentos e desrespeitosos descaracterizaram o clima de recepção vivido na PUC este ano. Veteranos do curso de Múltiplos, a exemplo de tantos de outros cursos, ousaram na criatividade e amarraram com papel higiênico seus calouros pintados e molhados, fazendo com que rebolessem sobre uma garrafa. Alguns ainda tiveram a sorte de serem escolhidos para se jogarem de cima de uma mesa, sob a intimidação de brutamontes urrando “despenca bixo, despenca”.

Cepe anuncia possíveis salários dos novos professores

Dois itens nortearam a reunião do Cepe de 24/02: o início do ano letivo e novas contratações. Sobre o primeiro, decidiu-se que o início das aulas segue o calendário da Reitoria. Quanto às contratações, o Conselho resolveu aguardar a deliberação do Consun, não contratando, por enquanto, novos docentes. Em relação às demissões anteriores, será mantido o procedimento regular de abertura de edital ou redistribuição das aulas entre o corpo docente atual. Durante a reunião, a profes-

sora Bader informou os valores da nova tabela de contratação de professores. Com um contrato de 40 horas, auxiliares de ensino receberiam R\$ 2.600, mestres R\$ 2.900 e doutores, com dois anos probatórios, R\$ 3.200. Atualmente na PUC-SP, um doutor com o mesmo tipo de contrato recebe R\$ 7.301, valor que não incorpora o aumento de 7,6% do ano de 2005 e o aumento deliberado para 2006, que começaria a vigorar a partir deste mês.

A crise da PUC na Internet

Conforme solicitação do professor Eduardo Cruz, de Teologia, feita à APROPUC, informamos que já está funcionando na Internet o *blog* PUC Livre! (puclivre.zip.net). Segundo o professor, a iniciativa de criar o espaço é de docentes puquianos “preocupados com a preservação da excelência desta universidade”, que “decidiram estabelecer um canal livre de comunicação para debater sua atual situação”. Eduardo convidou toda a comunidade a “contribuir com sugestões e reflexões” para o *blog*. Notícias da PUC-SP

também aparecem no Brasília 17, “o jornal na juventude perigosamente jovem” (www.brasilia17.org). A página é assinada pelo grupo político *Negação da negação*. Outras fontes de informação sobre a universidade na rede são a página oficial (www.pucsp.br) e os sites da APROPUC (www.apropucsp.org.br) e da AFAPUC (www.afapuc.org.br). Nestes dois últimos, é possível acessar um vasto arquivo de edições antigas do jornal *PUCviva*, e ler a edição da semana antes mesmo de sua publicação impressa.



FOTOS DE FÁBIO NASSIF

Na foto ao lado, calouros realizam um cabo-de-guerra. De um lado estavam os bancos e de outro a Igreja. A reitora, que apareceu na sacada para cumprimentá-los, ficava no meio. Na foto acima a reunião no curso de Jornalismo.